

A RELAÇÃO DA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE COM A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

THE RELATION OF CARLOS DRUMMOND ANDRADE'S POETRY TO THE SECOND WORLD WAR

LA RELACIÓN DE LA POESÍA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE CON LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Patrícia Ferraz

Aluna do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas EaD do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 01 - 2018.

Danielle Fracaro

Professora-orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER. Mestranda em Teoria Literária pela Uniandrade. Especialista em Comunicação e Cultura: interface pela Universidade Positivo. Graduada em Letras Português e Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Tuiuti do Paraná e em Pedagogia pela Uninter.

RESUMO

A pesquisa apresentada se propõe a refletir a respeito da relação de uma obra literária com um período histórico da humanidade. A obra escolhida é a do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, mais especificamente seus livros *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo*, e o período histórico é a Segunda Guerra Mundial. Apesar de a pesquisa ser realizada de maneira bibliográfica, busca-se com ela sempre a perspectiva de uma profunda relação entre a subjetividade do autor e a objetividade dos acontecimentos do mundo, o que, por conseguinte, exige não somente uma análise da obra literária em si, mas também uma análise do seu contexto e, mais que isso, a maneira específica com que a obra se refere a um fato histórico sem tornar-se uma mera descrição narrativa. Embora os limites deste trabalho não permitam um maior aprofundamento acerca da relação da obra poética com a Segunda Guerra, considera-se possível tecer considerações significativas sobre o que seriam os aspectos predominantes, tanto do acontecimento histórico quanto da forma literária que o menciona.

Palavras-chave: Drummond; Poesia; Segunda Guerra.

ABSTRACT

The present research intends to reflect on the relationship of a literary work with a historical period of humanity. The selected work is by the Brazilian poet Carlos Drummond de Andrade, more specifically his books *Sentimento do mundo* and *A rosa do povo*, and the historical period is World War II. Although the research is conducted in a bibliographic manner, it is always sought with the perspective of a deep relationship between the author's subjectivity and the objectivity of world events, which therefore requires not only an analysis of the literary work in itself, but also an analysis of its context and, moreover, the specific way in which the work refers to a historical fact without becoming a mere narrative description. Although the limits of this work do not allow further study of the relationship of the poetic work with the World War II, it is considered possible to make significant considerations about what would be the predominant aspects of both the historical event and the literary form that mentions it.

Keywords: Drummond; Poetry; World War II.

A relação da poesia de Carlos Drummond de Andrade com a Segunda Guerra Mundial

RESUMEN

Esta investigación pretende reflexionar sobre la relación de una obra literaria con un período histórico de la humanidad. La obra seleccionada es la del poeta brasileño Carlos Drummond de Andrade, más específicamente sus libros *Sentimento do mundo* y *A rosa do povo*, y el período histórico es la Segunda Guerra Mundial. Aunque la investigación sea bibliográfica, siempre se busca, con ella, la perspectiva de una profunda relación entre la subjetividad del autor y la objetividad de los sucesos del mundo, lo que, por consiguiente, exige no solo el análisis de la obra literaria, sino también el análisis de su contexto y, más que eso, de la forma específica como la obra se refiere a un hecho histórico sin transformarse en una mera descripción narrativa. Aunque los límites de este trabajo no permitan una gran profundización acerca de la relación de la obra poética con la Segunda Guerra, se considera posible tejer consideraciones significativas sobre los que serían los aspectos predominantes, tanto del hecho histórico cuanto de la forma literaria que lo menciona.

Palabras-clave: Drummond; Poesía; Segunda Guerra.

INTRODUÇÃO

O tema abordado nesta pesquisa surgiu de reflexões durante a formação acadêmica no Curso de Letras. Considerando que o eixo de pesquisa por nós escolhido se refere ao entendimento de como o texto literário se relaciona com o período histórico em que foi produzido, optamos por estabelecer a relação entre a obra poética do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade com a Segunda Guerra Mundial. Tal relação, por certo, não se refere a uma mera descrição, por parte do poeta, dos fatos ocorridos durante a guerra, mas refere-se a uma abordagem com perspectivas que diferem da descrição dos acontecimentos, enfatizando, por exemplo, o sofrimento humano gerado e sentido durante o mencionado período, naquilo que diz respeito aos aspectos objetivos e subjetivos do acontecimento histórico. Evidente que, numa opção poética como esta, de Drummond, é possível notar a presença de um engajamento político. Mas isto não significa que se trata de uma atitude partidária, por parte do autor. Conforme a reflexão do teórico Sebastião Uchôa Leite:

A adesão política, que em outros poetas assumiu só a atitude de manifesto, assume em Drummond uma feição mais retorcida. *Rosa do povo* ultrapassa a visão partidária. Nem pessimista nem otimista, essa visão é sobretudo crítica e conflitiva. (LEITE, 1978, p. 208)

Desta forma, a visão drummondiana não se pauta por oferecer o que seria um lado partidário da guerra. A ótica que pretendemos defender neste trabalho é a do conflito humano exposto por uma visão poética. Mais profunda, tal ótica diz respeito tanto ao que seria a guerra exterior, de homens contra homens, quanto à guerra interior, do homem (indivíduo) consigo mesmo.

Para tanto, nosso trabalho limitar-se-á a analisar as obras relacionadas ao período da referida guerra, quais sejam, *Sentimento do mundo* (1940) e *A Rosa do Povo* (1945). Deste modo, por meio deste trabalho, nossa intenção é propiciar reflexões, em sala de aula, que apresentem aos alunos a problemática relacionada ao modo como uma obra literária pode se relacionar com um período histórico da humanidade. Nosso intento, portanto, é apresentar a obra poética de Carlos Drummond de Andrade que se relaciona com a Segunda Guerra Mundial, e refletir a respeito da forma com que a obra pode tratar do tempo na qual foi produzida sem tornar-se mero relato histórico. Para tanto, além das referidas obras do poeta, nos utilizaremos de análises críticas feitas por teóricos literários, como Afrânio Coutinho e Antonio Candido, por exemplo.

Este trabalho será dividido em capítulos, nos quais trataremos de cada obra de modo mais específico, apontando o que seriam os poemas nos quais predominam reflexões e apontamentos sobre a Segunda Guerra Mundial.

A RELAÇÃO DA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE COM A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A obra de Carlos Drummond de Andrade, por certo demasiado extensa, não poderia ser totalmente analisada em um trabalho como este, onde focamos, sobretudo, a relação entre uma obra e o período histórico em que foi concebida. De modo que não poderíamos, portanto, trabalhar com todas as obras de Drummond, considerando que o poeta começou a publicar em 1930 e só parou com sua morte, em 1987, ficando, ainda, alguns livros inéditos que foram publicados postumamente.

Tendo em vista, portanto, as várias mudanças na sociedade durante o tempo em que o poeta publicou seus livros, nos limitamos a trabalhar com as obras escritas durante a Segunda Guerra Mundial, e que a ela se referem. Como já mencionamos, tais obras são *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945).

Sentimento do mundo

De acordo com o crítico literário Afrânio Coutinho, em *Sentimento do mundo* o poeta “se recrimina, diante dos morticínios, da guerra, da trucidação coletiva, de não ter escutado “voz de gente”, isto é, de não ter participado dos problemas de seus

semelhantes” (COUTINHO, 2004, p.134). O poema “Congresso Internacional do Medo” reflete sobre o sentimento de temor predominante em tal período.

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas. (DRUMMOND,
2002, p.35)

A princípio, o que se nota no poema é uma espécie de recriminação do poeta para consigo mesmo, por ele próprio estar sentindo medo. Percebe-se o incômodo de uma sensação que perpassa não somente aquele que fala por meio da poesia, mas também toda a humanidade. Tal ideia nos é repassada até mesmo com o título, afinal, um congresso “internacional” do medo seria uma espécie de reunião mundial para tratar de um sentimento que deixa de ser íntimo (o medo da guerra, de que ela afete o indivíduo e quem lhe está próximo), e passa a ser um sentimento mais coletivo (de que a guerra destrua o próprio planeta, por exemplo).

No oitavo verso notamos a generalidade do medo de um modo bastante expandido. Ao expressar que “cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas”, é como se o poeta estivesse afirmando que o mundo em que se vive encontra-se desprotegido, de tal maneira que tanto um sistema totalitário de ditadura quando um sistema supostamente mais equitativo, como uma democracia, encontram-se em desabrigo.

Utilizando a expressão de Coutinho (2004), notamos que, ao expressar o medo que paira no ar, o poeta coloca-se a ouvir “voz de gente”, e é possível até mesmo supor que, ao escrever o poema na primeira pessoa do plural, o poeta deixa claro que sua posição não é meramente individual, mas sim uma posição mais coletiva.

Interessante notar que, ao expressar “cantaremos o medo”, o poeta utiliza uma espécie de ironia, afinal, cantar, de um modo geral, significa celebrar, comemorar algo, e cantar o medo nos representa uma certa contradição em termos.

Em seguida, passamos a analisar o poema “Os ombros suportam o mundo”, que nos parece uma espécie de passagem do medo para a desesperança.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação. (DRUMMOND, 2002, p.57)

Começamos nossa análise pelo último verso. Interessante notar que o poeta se refere à vida de um modo específico, pois trata de uma vida “sem mistificação”. Ora, num mundo que está sendo palco de uma sangrenta guerra, o elemento místico não ganha espaço. Podemos relacionar essa questão de uma vida sem mistificação com a chamada condição pós-moderna, exposta pelo filósofo francês Lyotard. Segundo ele, devido ao progresso excessivo das ciências, deixamos de acreditar nas longas narrativas, ou seja, nos discursos que se propunham a uma explicação mais geral do mundo.

A função narrativa perde seus autores (functeurs), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvem de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos e descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas sui generis. (LYOTARD, 1986, p. 86)

De acordo com a visão de Lyotard, compreendemos que, devido ao fato de não haver a presença de “grandes heróis” estabelecendo um discurso sobre o mundo, as narrativas aparecem, por assim dizer, mais cruas, desmistificadas. Desta forma, o “tempo de absoluta depuração” significa um tempo sem encanto, um tempo no qual o amor “resultou inútil”.

Tal constatação, no entanto, não se encontra desvinculada da criação poética, logo, da beleza, pois mesmo num mundo desencantado é possível receber e entender uma ordem da vida (que é afirmação), ou, nas palavras do poeta, compreender que “Chegou um tempo em que a vida é uma ordem”.

No que se refere ao olhar do poeta para o mundo, convém considerar que, ao olhar para fora de si, o poeta enxerga elementos de seu próprio interior e vice-versa. Conforme a crítica literária Maria de Fátima Gonçalves Lima:

O poeta vê o mundo e simultaneamente volta para si próprio, numa atitude contemplativa e filosófica. Porém, o filósofo contempla o mundo exterior, ideias gerais, objetivas, universais. Contempla também o mundo interior, ideias particulares, subjetivas, dentro dos seus limites pessoais. No entanto, paradoxalmente, ao contemplar o próprio reino, o poeta descobre o mundo inteiro.

O artista da palavra dirige-se, pois, para dentro de seu mundo interior, à procura daquilo que o revela, enquanto ser dotado de fantasia criadora e vivências. Porém, no reflexo da própria imagem, o poeta vê o sentimento do mundo refletido nas águas da vida. Desta forma, o mundo subjetivo e objetivo aderem-se, imbricam-se, formando uma só entidade subjetiva e objetiva ao mesmo tempo, retratando a vida, com a predominância do primeiro. A poesia é a revelação espiritual da vida, revela o mundo e cria outro, o poético. (LIMA, 2012, p.53)

“O poeta vê o sentimento do mundo refletido nas águas da vida”. A profundidade desta percepção de Lima vai além de um mero comentário sobre uma obra literária. Segundo ela, o poeta é um ser capaz de sentir o que o mundo está sentindo – e o revela assim numa composição que envolve elementos do mundo e da sua própria alma.

Por certo não nos será possível analisar todos os poemas da obra *Sentimento do mundo* em um trabalho de natureza bastante concentrada como este, contudo, consideramos legítimo afirmar que todo o livro, de um modo geral, explora a temática do medo e também do desencanto perante a guerra E, como afirmamos, isto não significa ausência de beleza, mas uma espécie de direcionamento da criação poética para a afirmação da vida de um modo menos mitificado, e igualmente menos encantador.

A rosa do povo

Em relação à obra *A rosa do povo*, Afrânio Coutinho expressa que se trata de “um livro de condenação e de esperança; condenação do mundo errado, esperança de um mundo certo, cheio de beleza e de justiça” (COUTINHO, 2004, p.136). Desta forma, nota-se

uma mudança de perspectiva por parte do autor, ao transitar de um sentimento coletivo de medo para uma consideração mais geral da esperança.

Consideramos primeiramente o poema “A flor e a náusea”:

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitar este tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

A relação da poesia de Carlos Drummond de Andrade com a Segunda Guerra Mundial

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. (DRUMMOND,
1991, p. 15-17)

É de notar, a princípio, uma espécie de retomada do encanto, por parte do poeta. O mundo, outrora desmistificado, passa a ser revisto sobre uma outra ótica. A beleza se torna ainda mais bela, é possível até mesmo notar uma flor, mesmo que tal flor seja “feia”, pois tal flor “furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Já nos primeiros versos do poema se percebe que o poeta anuncia um tom de revolta, no entanto, mesmo em tal revolta se nota uma atitude de prosseguimento: “Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta. Melancolias, mercadorias espreitam-me”. Nota-se a percepção do poeta como alguém que tem consciência de onde se encontra (uma classe, algumas roupas), e que causa, a partir de si mesmo, um contraste, entre o branco que leva e o cinza que o rodeia.

Chama também a atenção o fato de ainda não ter havido justiça (pois ainda não chegou um tempo de completa justiça), e de que não é possível perdoar os crimes do mundo e da humanidade (Crimes da terra, como perdóá-los?). Ou seja, existe no poeta a consciência de que segue de branco (o que lembra pureza, limpeza), por um mundo sujo, impuro, injusto: “O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera”.

Destacamos a última palavra do verso: *espera*. Ora, se passa a haver espera é que então o mundo, outrora desencantado, passa a ser visto como um lugar no qual (e do qual) se torna possível esperar algo. Por isso o último verso do poema, ao referir-se ao surgimento de uma flor no asfalto, aponta para a possibilidade de renovação do mundo. Não nos esqueçamos de que o livro *A rosa do povo* foi publicado em 1945, último ano da Segunda Guerra Mundial. Estaria sendo o poeta um homem profético? Ou sua sensibilidade apenas lhe mostrou que a guerra chegava ao fim e era preciso, de vez, abandonar o desespero e enxergar nova vida chegando?

E, do mesmo modo como dissemos, acerca das composições de *Sentimento do mundo*, na obra *A rosa do povo* se percebe que o poeta, ao olhar para o mundo, expressa aquilo que existe em sua própria alma. Por isso a preocupação de Drummond, que perpassa um nítido sentimento de preocupação para com a humanidade, não deixa nunca de dizer

respeito ao indivíduo, estando este desvinculado de uma ideia de grupo ou até mesmo de massificação. Segundo Lumna Maria Simon:

Mesmo seus poemas engajados realizam-se como resposta emocional do poeta aos acontecimentos de seu tempo – revolta, angústia, solidariedade, esperança, desesperança, grito. Não consegue escapar à força da subjetividade, que se expressa sob a forma de fluxo da memória afetiva, de eclosão dos sentimentos, de revolta individual (SIMON, 1978, p. 56).

Por esta ótica, podemos compreender a poética de Carlos Drummond de Andrade como uma forma de grito coletivo, seja em forma de revolta ou pedido de socorro, mas uma forma de grito que poderia pertencer a cada indivíduo em particular, que pertence ao tempo em que se concebe a criação da poesia. Ou seja, ao gritar em nome de todos, é como se o poeta estivesse a gritar em nome de cada um em particular.

É preciso sempre ter em vista que a literatura, conquanto seja obra de indivíduos isolados e muitas vezes desvinculados, de certa forma, da ação direta nos acontecimentos sociais, não deixa de possuir uma forte conotação social e coletiva. Conforme expressa o crítico literário Antonio Candido (1985, p.166), a literatura torna-se um elemento da ordem social, o que significa, em relação ao nosso trabalho, que a obra de Drummond, referente à Segunda Guerra Mundial, é uma forma de entender os fatos ocorridos sob uma perspectiva poética, o que não significa que se trata de uma perspectiva menos séria. Pois, como pretendemos elucidar em nossa pesquisa, a literatura não se restringe aos livros, tendo em vista que a mesma se estende a toda a sociedade à qual pertence. Assim, mesmo um tema pouco ou até mesmo nada poético, como uma guerra mundial, pode tornar-se objeto de poesia para um autor interessado em desvendar, mais do que um problema de guerra, um conflito profundamente humano. Para o crítico Sérgio Buarque de Holanda, na poesia de Drummond “o ‘prosaico’ não se opõe ao ‘poético’ – admitindo que se possam separar os dois termos de forma tão caprichosa – é um modo, em outras palavras, de intensificar-se o poético pela própria força do contraste”. (HOLANDA, 1978, p. 185)

Desta forma, a própria força do contraste, entre a dureza da guerra (o elemento prosaico) e a sutileza da poesia (um olhar de sensibilidade sobre um evento trágico), intensifica a carga poética da obra.

No que se refere a retratar, por assim dizer, uma época, é preciso considerar que o trabalho do poeta acaba também sendo uma espécie de resumo de um período. Porém,

como não se trata de um resumo histórico ou jornalístico, mas poético, a empreitada exige do poeta um profundo espírito criador. Tal se nota na abordagem do crítico literário (e também grande poeta) Affonso Romano de Sant'anna:

A poesia de Drummond articula um protótipo do mundo moderno – o *gauche*. Aí está o sentimento de uma região, de um país e o sentimento do mundo. Aí o problema central é o tempo: o crescimento e o desgaste do personagem e a obra que resta ao final. A obra como resíduo vital que permanece, uma construção entre ruínas. Como *creattor*, o poeta empreende a redução de sua época, reflete a realidade que vive, deglute o mundo que o deglute, ajunta aquilo que o tempo espalha. (SANT'ANNA, 2008, p. 40)

Destacamos a expressão utilizada pelo crítico: “uma construção entre ruínas”. Depreende-se disto que a atividade poética irrompe das próprias ruínas do seu tempo, como força que impõe um sentido diferente aos fatos, afinal, não se busca uma descrição dos acontecimentos, mas uma nova forma de vê-los e, por conseguinte, de compreendê-los. E ainda que se busque o mais simples, o mais trivial, existe nessa própria busca um elemento de sonho e esperança.

No poema “Vida menor” notamos nitidamente a presença dessa busca e dessa construção entre ruínas e escombros.

A fuga do real,
ainda mais longe a fuga do feérico,
mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,
a fuga da fuga, o exílio
sem água e palavra, a perda
voluntária de amor e memória,
o eco
já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,
a mão tornando-se enorme e desaparecendo
desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,
senão inúteis,
a desnecessidade do canto, a limpeza
da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.
Não a morte, contudo.
Mas a vida: captada em sua forma irreduzível,
já sem ornato ou comentário melódico,
vida a que aspiramos como paz no cansaço
(não a morte),
vida mínima, essencial; um início; um sono;
menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;
o que se possa desejar de menos cruel: vida
em que o ar, não respirado, mas me envolva;
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,
porque o tempo não mais se divide em seções, o tempo
elidido, domado.

Não o morto nem o eterno ou o divino,
apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente
e solitário vivo.
Isso eu procuro. (DRUMMOND, 1991, p. 63-64)

É como se, após a destruição de muitos lugares no mundo, o poeta, preocupado com o futuro da humanidade, passasse a se posicionar como um observador das coisas pequenas e simples da vida (vida mínima, essencial). Tal olhar, por certo, não advém de uma postura de desistência e de abandono do mundo e dos homens, mas de uma posição de quem passa a querer apenas “o vivo, o pequenino, calado, indiferente”. Deste modo, a própria sensibilidade se expande, e o poeta passa a enxergar a reconstrução de um mundo destruído, que ainda se encontra em ruínas, no surgimento e na manutenção das pequenas e “indiferentes” coisas da vida.

A obra de Drummond, analisada neste modesto trabalho, manteve em vista um enfoque que diverge de uma mera descrição de um fato histórico, ou seja, o poeta manteve a visão de que a poesia, ao instaurar sua própria verdade, acaba por revelar outras verdades existentes no mundo. A própria destruição causada pela guerra não impede que um novo canto se levante, e que homens e mulheres cansados da destruição passem a voltar suas atenções para as pequenas coisas, com um olhar esperançoso e mais fraternal.

Se a intenção do poeta era situar uma possibilidade de esperança em um mundo caótico e em escombros, isso não podemos afirmar, mas ao referir-se à simples resistência de uma flor e à percepção da “vida menor” que o circunda, parece-nos possível dizer que o poeta mostra que a vida sem mistificação pode voltar a ter encanto, e que o medo, que outrora agrupou os homens, pode ser dissipado perante a contemplação de uma simples e singela flor que irrompe no asfalto.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa, especificamente bibliográfica, foi realizada em bibliotecas públicas, bem como por meio de livros adquiridos e emprestados no decorrer do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas EaD.

Além da própria obra de Carlos Drummond de Andrade, os principais autores em que nos baseamos, para nossa pesquisa, são críticos literários renomados que teorizaram

acerca das obras de vários escritores, como Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Affonso Romano de Sant'anna, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros.

Um trabalho como este exige que se vá muito além de teorias literárias restritas a uma obra específica, de maneira que buscamos uma reflexão um tanto mais ampliada, incorporando também reflexões filosóficas, como do francês Lyotard, autor do livro *O pós-moderno*, clássico contemporâneo que ilustra muitos dos atuais conflitos humanos, sobretudo em relação ao caráter caótico do mundo atual, seguido ao pós-guerra.

As leituras e fichamentos foram sempre realizados em conjunto, pois, à medida que se lê, seja um poema ou mesmo uma análise sobre o mesmo, se estabelece o que, em tal leitura, pode dizer respeito mais especificamente a esta pesquisa e, da mesma forma, o que pode dizer respeito à formação de um aluno de Letras num âmbito mais ampliado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos colocados em nossa pesquisa foram alcançados, sobretudo no que se refere a problematizar os elementos envolvidos em uma obra literária e seu contexto histórico. Por certo existe um grande desafio ao abordar a obra de um poeta tão amplo como Drummond, mas o próprio desafio nos instigou a buscar uma maior compreensão do fenômeno literário em relação com o seu tempo histórico. Como enfatizamos no início desta pesquisa, Drummond não fez uma mera descrição de um período da humanidade, mas buscou interpretar tal período com olhos poéticos. Neste sentido, consideramos que a poesia vai além dos relatos históricos, mais relacionados ao jornalismo, por exemplo, e oferece a quem a busca um olhar mais profundo, referente a verdades que estão por trás das chamadas verdades oficiais. Por vezes, em relatos históricos, a análise política sobrepõe-se à análise do próprio sofrimento causado às populações envolvidas, de modo que a poesia pode oferecer uma via marginal, digamos assim, para acesso aos fatos. Evidentemente, isto não significa que a poesia sobrepuje a narração histórica, ao contrário, busca enxergar o que não está exposto e intenta relatar, sem a pretensão da narrativa, ângulos geralmente deixados à parte.

Com tais considerações, ressaltamos que a intenção da pesquisa era explicar a íntima relação entre a arte e um fato histórico, com suas peculiaridades e caminhos específicos. Por certo tal pesquisa poderia ser expandida e dar origem a um outro trabalho,

pois o tema é amplo e provocativo. Contudo, tendo em vista as limitações necessárias a um Trabalho de Conclusão de Curso, concluímos que nossas metas foram alcançadas, sobretudo no que se refere a uma melhor compreensão da significância de uma pesquisa para a formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

_____. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Rebelião e convenção**. In: Carlos Drummond de Andrade: coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LEITE, Sebastião Uchôa. **Drummond: musa matéria / musa aérea**. In: Carlos Drummond de Andrade: coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. **Literatura e Poesia III**. Goiânia: Editora Kelps, 2012.

LYOTARD, Jean François. **O pós-moderno**. Trad. de Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. 5 ed. ver. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SIMON, Lumna Maria. **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Editora Ática, 1978.